



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 25 de março de 2026)) Ano XXV)) Nº 1264
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

O tempo livre, é mal distribuído, mal utilizado ou desperdiçado)) 2



CULTURA

Julia Ramalho numa poética em que arte e educação se atravessam)) 5



DIVULGAÇÃO

Importância da comunidade árabe na história do Estado

A chegada dos imigrantes libaneses, a partir das primeiras décadas do século XX, alterou o fluxo migratório do Espírito Santo e o surgimento de município)) 3

ILUSTRATIVA



DARTAGNAN DA SILVA ZANELA

Havia mais de uma pedra

Há décadas um hábito me acompanha: sempre tenho comigo ao menos um livro para fazer-me companhia nas horas vagas — que, na maioria das vezes, são apenas alguns minutos. Mesmo tendo um punhado de e-books no celular, ainda continuo tendo sempre em mãos um ou dois títulos para aproveitar bem as migalhas de tempo que a rotina do dia a dia sempre me regala e que, sem a menor cerimônia, procuro aproveitar ao máximo.

Tento seguir à risca uma regra simples: a ocasião faz quem a gente quer ser, sempre. Por isso, seja numa aula vaga, no intervalo, durante a aplicação de uma prova (enquanto caminho pela sala, silenciosamente, fico com um olho no livro e com o outro na turma), na fila do correio, no ônibus, na antessala de um consultório médico ou odontológico, enfim, procuro sempre lembrar-me da lição do sociólogo italiano Domenico De Masi: atualmente, o tempo ocioso e livre é abundante em nossa vida; o problema é que ele, o tempo livre, é mal distribuído, mal utilizado e, na grande maioria das vezes, des-

perdiçado, sem a menor cerimônia, por todos nós.

Tendo isso em vista, como muitas pessoas nesse mundão de meu Deus, tento otimizar o pouco que tenho, sem me entregar a lamúrias sem fim por aquilo que jamais tive (no caso, tempo de sobra). Tento porque, da mesma forma que o tempo ocioso é abundante, também é grande o número de possibilidades que temos ao alcance das mãos para desperdiçá-lo.

Ah! E como é fácil desperdiçar o nosso tempo com passatempos que, com o passar dos dias, vão dilacerando a nossa capacidade de concentração e minando o nosso poder de manter a atenção focada. É

muito fácil. E como não sou um sujeito com a mente "blindada", tal qual o senhor Sherlock Holmes, prefiro me precaver, evitando ao máximo a fadiga propiciada pelo entretenimento vazio. Aliás, creio que muitos devem proceder de maneira similar.

Pois bem, por cultivar esse hábito, em algumas ocasiões, quando estou lendo em algum canto, sou abordado por uma ou outra pessoa — na maioria das vezes crianças e jovens — e, de todas as perguntas e comentários que me são apresentados, há um que é bastante recorrente: a pessoa quer saber por que estou lendo a Bíblia. Quando ouço isso, com um sorriso no rosto, respondo

que não estou lendo a Sagrada Escritura e explico que nem todo livro de capa dura é uma Bíblia, da mesma forma que nem todo livro volumoso é um exemplar do Livro Sagrado. Após dizer isso, esclareço que, na verdade, sempre carrego a Sagrada Escritura em meu aparelho celular, junto com um breviário litúrgico. Então, mostro os livros para os infantes, falo um cadinho a respeito dos títulos que estão comigo e sobre os seus autores. Aí é o momento em que seus olhinhos brilham, que a mágica acontece (... ou não), especialmente se a edição da obra é antiga ou em uma língua estrangeira.

Seja como for, penso que é de fundamental importância ter-

mos sempre claro em nossa mente que os mesmos instrumentos que podem servir de caminho para a degradação do nosso poder de atenção e para a erosão da nossa capacidade de entendimento podem, também, ser ferramentas muito úteis para nos defender de todo entretenimento massificante e alienante que sitia a nossa alma.

Tudo depende, como sempre, de como nós procuramos aproveitar a vida, se aproveitamos bem o que ela nos regala e, principalmente, do que nós entendemos por aproveitar bem a vida. Tudo depende dos propósitos que dão a nota e o tom que marcam o ritmo do bater do nosso coração.

Rádio ESHJ

Ouçá os jogos do futebol capixaba no ESporte Hoje, da Rádio ES Hoje.

Acesse a Radio EShoje pelo QRCode:

Apoio



Realização



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40. Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110 - Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcoutinho@eshoje.com.br

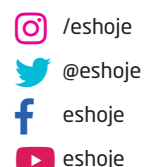
PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Giulia Reis
Mariana Cicilioti
Esthefany Mesquita
Thierry Khalil
Carolina Boueri
Giulia Reis
Karla Silveira

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:



A imigração que ergueu o município de Ibatiba

Do Monte Líbano ao Caparaó: o fluxo migratório que encontrou espaço no interior capixaba

CAROLINA BOUERI

jornalismo@eshoje.com.br

O Dia da Comunidade Árabe, celebrado em 25 de março, marca a presença de milhões de descendentes que ajudaram a construir o Brasil. No Espírito Santo, essa história ganha contornos próprios em Ibatiba, município do Caparaó cuja formação está diretamente ligada a um fluxo migratório iniciado ainda no final do século XIX, quando sírios e libaneses começaram a chegar ao país em grande número.

Naquele período, o atual Líbano ainda integrava o Império Otomano. Crises econômicas, instabilidade política e restrições levaram milhares de famílias a deixar a região do Monte Líbano. No Brasil, encontraram um território em expansão, especialmente impulsionado pela economia cafeeira, mas ainda carente de redes comerciais estruturadas no interior.

Diferentemente de outros grupos imigrantes direcionados à agricultura, os libaneses ocuparam uma função estratégica: tornaram-se intermediários do comércio. Como mascates, percorriam longas distâncias vendendo mercadorias e conectando regiões isoladas a circuitos econômicos mais amplos. Foi esse movimento que alcançou o interior capixaba e ajudou a transformar áreas de passagem em núcleos urbanos.

Antes de existir formalmente, Ibatiba era um ponto de travessia entre Minas Gerais e o sul do Espírito Santo. Tropas de burros transportavam café, mantimentos e mercadorias, enquanto pequenos povoados surgiam ao longo dessas rotas. A economia era ainda incipiente, baseada na pecuária e no avanço das lavouras de café.

A chegada dos imigrantes libaneses, a partir das primeiras décadas do século XX, altera esse cenário. Inicialmente itinerantes, eles passaram a garantir o abastecimento de regiões afastadas e, com o tempo, fixaram-se, abrindo armazéns e estabelecendo os primeiros eixos comerciais permanentes.

Esse processo foi decisivo para a consolidação de Ibatiba. Mais do que participar da economia local, esses imigrantes ajudaram a estruturá-la, criando as bases de um comércio que sustentaria o crescimento da cidade nas décadas seguintes.



Imigrantes libaneses passaram de itinerantes para os primeiros a fixarem atividade econômica

Uma família que atravessa o tempo

ENTRE OS nomes que simbolizam essa transformação está Salomão José Fadlalah, cuja trajetória sintetiza o caminho percorrido por muitos libaneses no Brasil: do comércio ambulante à consolidação como liderança econômica e social.

Instalado na então vila, Fadlalah esteve à frente de iniciativas que romperam o isolamento típico das regiões serranas no início do século XX. Participou da implantação da energia elétrica, da introdução de meios de comunicação e do fortalecimento do beneficiamento do café — ações que ajudaram a integrar Ibatiba a circuitos mais amplos de desenvolvimento.

Mas o impacto da família não se encerra no passado. Mais de um século depois, o sobrenome Fadlalah segue presente na cidade, seja na atividade econômica, na memória coletiva ou na própria organização urbana. Uma das principais vias do município leva o nome da família, e o casarão construído por Salomão, na década de



Monumento dos tropeiros é reverenciado pela história de Ibatiba

1920, foi preservado e transformado em espaço público.

Hoje, o imóvel abriga o Museu do Tropeiro, que reúne elementos da cultura tropeira e da imigração libanesa. O fato

de o patrimônio ter sido incorporado à cidade pelos próprios descendentes revela não apenas continuidade, mas também a intenção de preservar e compartilhar essa história.

Uma história que continua

Neste 25 de março, Ibatiba se destaca como um exemplo de como a imigração não apenas ocupa espaços, mas estrutura territórios. Dos caminhos abertos por tropeiros às redes comerciais formadas por mascates, a cidade nasceu do encontro entre circulação e permanência.

A trajetória da família Fadlalah — ainda presente e atuante — ajuda a ilustrar esse processo. Ela conecta a chegada dos primeiros imigrantes ao presente do município, mostrando que a história da imigração libanesa no interior capixaba não ficou no passado.

Em meio às montanhas do Caparaó, essa herança segue viva, moldando não apenas a memória, mas o cotidiano de uma cidade que cresceu a partir do deslocamento de povos e da capacidade de transformar caminhos em destino.

Poética onde a arte e a educação se atravessam

Julia Ramalho não se restringe ao ateliê, tendo pesquisa desenvolvida no campo do desenho

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

No campo expandido da arte contemporânea as fronteiras entre prática, pesquisa e vida cotidiana tornam-se cada vez mais porosas. É nele que a trajetória da jovem artista-professora, Júlia Ramalho, se inscreve com densidade, rigor e sensibilidade. Aos 27 anos, formada em Artes Visuais – Licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ela atua na educação básica ao mesmo tempo em que desenvolve uma produção artística consistente, que não apenas dialoga com sua experiência docente, mas a incorpora como matéria, método e campo de investigação.

Mais do que conciliar duas atividades, sua atuação revela um posicionamento ético e político: ser artista-professora e professora-artista não como alternância de papéis, mas como condição indissociável. A docência, nesse sentido, deixa de ser um espaço de aplicação de conteúdos previamente estabelecidos e passa a operar como território de experimentação estética, crítica e relacional. Do mesmo modo, sua prática artística não se restringe ao ateliê, expandindo-se para o cotidiano escolar, para os encontros com estudantes, para as tensões institucionais e para as camadas simbólicas que atravessam o ensino no Brasil.

Sua pesquisa se desenvolve principalmente no campo do desenho e da instalação, tendo como eixo estruturante um elemento aparentemente simples, mas profundamente potente: a linha. Longe de ser apenas um recurso formal, a linha aparece em sua produção como linguagem, estrutura e pensamento. Ela é suporte, mas também narrativa; é gesto, mas também conceito; é matéria, mas também tempo. Ao explorar suas múltiplas possibilidades, a artista investiga deslocamentos – físicos, simbólicos, afetivos e pedagógicos – que atravessam tanto sua experiência pessoal quanto os espaços institucionais em que atua.

Nos desenhos, a linha pode surgir como registro mínimo, quase silencioso, insinuando percursos e hesitações. Já nas instalações, ela frequentemente ganha escala e corporeidade, expandindo-se no espaço, ocupando paredes, pisos e vazios, criando percursos

que convidam o espectador a uma experiência sensível e imersiva. Há, nessas proposições, uma dimensão quase cartográfica: traços que mapeiam memórias, afetos, conflitos e fluxos. Ao mesmo tempo, esses trabalhos evocam a ideia de continuidade e ruptura, sugerindo que toda linha é também um limite, uma travessia, uma fronteira ou uma possibilidade de conexão.

Essa operação poética não é neutra. Ao tensionar a linha como estrutura, a artista tensiona também os sistemas que organizam o espaço social e educativo. Linhas que delimitam, organizam, controlam – como as da arquitetura escolar, dos cadernos, dos currículos – são deslocadas e ressignificadas em sua produção. O que antes servia à normatização passa a operar como campo de invenção.

É nesse ponto que sua pesquisa se aproxima de maneira mais incisiva da educação. A escola, longe de aparecer como tema ilustrativo ou cenário, surge como campo de problematização e experiência. Questões como disciplina, controle, repetição, escuta, afeto e construção de subjetividades atravessam suas obras, muitas vezes de forma sutil, mas crítica. A artista investiga o que significa ensinar e aprender em contextos marcados por desigualdades estruturais, por protocolos institucionais rígidos e, ao mesmo tempo, por intensas potências criativas.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Sua pesquisa se desenvolve no campo do desenho, tendo como eixo estruturante potente: a linha

Ensino com experiências

SUA PRÁTICA docente é atravessada por esse mesmo pensamento artístico. Em sala de aula, propõe experiências que valorizam o processo, o erro, a tentativa, a escuta e a invenção, tensionando modelos tradicionais de ensino baseados na reprodução e na avaliação normativa. A linha, novamente, aparece como metáfora e ferramenta: desenhar torna-se uma forma de pensar, de ocupar o espaço, de produzir conhecimento e de se posicionar no mundo.

Ao estimular seus estudantes a experimentarem o desenho não como técnica fechada, mas como campo aberto de investigação, a artista-professora contribui para a construção de um ambiente educativo mais sensível e crítico. Nesse contexto, o ato de desenhar ultrapassa o domínio do vi-



Em sala de aula Julia propõe experiências que valorizam o processo

sual e passa a operar como prática de existência, como forma de elaborar experiências e de construir narrativas próprias.

Esse trânsito entre arte e edu-

cação dialoga com uma tradição relevante no campo das artes visuais, que compreende o artista como pesquisador e a prática pedagógica como extensão do fazer

artístico. No entanto, o que singulariza sua trajetória é a maneira como essas dimensões se articulam de forma orgânica, sem hierarquias. Não há, em seu percurso, uma separação entre produzir e ensinar, mas sim um movimento contínuo de retroalimentação, no qual cada experiência reverbera na outra.

Inserida em um contexto capixaba cada vez mais atento às práticas contemporâneas e às interseções entre arte, território e educação, sua atuação aponta para caminhos urgentes. Em um momento em que se discutem novas formas de mediação cultural, participação e formação de público, sua experiência evidencia a potência da escola como espaço de produção artística e da arte como ferramenta crítica no interior da educação.